

Ex.º Senhor Dr. Rosário e alunos:

Para todos os meus melhores e respeitosos cumprimentos. Fui convidado pelo senhor professor de História para vir junto de vós fazer uma palestra sobre a grande guerra de 1914-1918, por motivo de eu ter tomado parte nela, como combatente do Corpo Expedicionário Português (C.E.P.), que ao tempo fazia parte das forças aliadas que combatiam o exército alemão.

Não sei se terei engenho para descrever, embora sumariamente, o que foi aquela terrível guerra, para merecer o convite (...) e a confiança em mim depositada.

Posto isto, vou tentar desempenhar-me desta ingrata mas honrosa missão, apesar dos meus 88 anos.

Esta guerra teve a sua origem devido ao assassinato do príncipe herdeiro do trono, Francisco Fernando da Áustria, em 1914 no atentado de Sarajevo, pelo que a Áustria declarou guerra à Sérvia. Seguidamente a Alemanha enviou um "ultimatum" à Rússia e à França, em 31 de Julho de 1914, e em 4 de Agosto invadiu a Bélgica, depois de no dia 3 ter feito a sua declaração de guerra à França. Portugal querendo continuar a manter-se na posse efectiva das nossas colónias, que há tempo vinham sendo cobiçadas por nações que se faziam nossas amigas, e tendo o governo português tido conhecimento de um tratado de secreto entre a Alemanha e Inglaterra para partilha das nossas concessões ultramarinas e sabia mais que oito dias antes de rebentar a guerra, o embaixador alemão em Londres recebera ordens para assinar um tratado com a Inglaterra para proceder a essa partilha.

Em virtude do nosso tratado de Aliança com a Inglaterra, o nosso ministro dos Negócios Estrangeiros, ao tempo Freire de Andrade, perguntou para Londres ao nosso ministro plenipotenciário Teixeira Gomes, o que pensava a Inglaterra acerca da atitude a tomar por Portugal no tremendo conflito.



A resposta foi: de no caso das nossas colónias serem atacadas, a Inglaterra mantinha toda a plenitude dos deveres da velha aliança e a Armada Britânica protegeria as costas de Portugal. Nos nossos portos refugiaram-se 36 navios alemães. A Inglaterra, invocando o tratado de aliança, propôs em 5 de Março, ao governo português, o aprisionamento dos navios, recomendando que a requisição fosse feita pacificamente. Apareceu a nota de requisição por parte da Inglaterra em 24 de Fevereiro de 1916. Para cumprimento desta requisição deram-se ordens neste sentido a Leote do Rego, para tomar conta dos navios surtos no Tejo, substituindo a bandeira alemã pela de Portugal.

O ministro alemão, recapitulando vários actos de ajuda feita à Inglaterra pelo nosso país contra o seu, declarou: "por este procedimento o governo português deu a conhecer que se considera vassallo da Inglaterra, que subordina todas as outras considerações aos desejos e interesses ingleses."

Finalmente a apreensão dos navios realizou-se sob formas em que deve ver-se uma intencional provocação à Alemanha. O Governo Imperial vê-se forçado a tirar as necessárias consequências do procedimento do Governo Português. Considera-se, de agora em diante como achando-se em estado de guerra com o governo de Portugal (9 de Março de 1916).

Em face da declaração oficial do estado de guerra entre Portugal e a Alemanha, o governo português procedeu à mobilização das forças armadas e enviou contingentes de tropas para Moçambique com ordens de ocupar Kionga que nos fora tirada em 1894, e marchar sobre o Rovuma para se entrar em operações auxiliando os ingleses. Com efeito, Kionga foi ocupada em Abril de 1916.

Para seguir e combater em França ao lado dos aliados, foi organizado em Tancos, um centro de instrução de tropas comandado pelo general Fernando Tamagnini. As tropas estavam alojadas em milhares de barracas de lona, todas do mesmo modelo, à excepção das destinadas aos comandos, aos oficiais, às secretarias, aos serviços de saúde, cozinhas etc., etc.. Este conjunto era impressionante pelo que, daí lhe veio o nome de cidade de "pau e lona". A instrução militar ali ministrada era intensiva e dura, devido às marchas com todo o equipamento e a pé debaixo de calor e de um sol ardente.

Os exercícios finais desta divisão de instrução, foram feitas na charneca do Gavião, próximo da Atalaia. Ali estacionou o grosso da coluna à espera do inimigo, que viria do lado de Tolosa. Em Tolosa já lá se encontravam há dois dias as tropas que faziam de inimigos. Eu fazia parte dessas tropas. Montei os serviços de transmissões na casa do senhor Biscaia, que servia de edifício de comando operacional.



A título de curiosidade , direi que a população de Tolosa nos recebeu galhardamente, tendo até organizado em nossa honra, uma tourada no largo do corêto da música, em frente do edifícios do comando.

Na madrugada do dia seguinte, saímos de Tolosa em marcha de precaução e muitas vezes rastejando o terreno em direcção ao inimigo, que nos aguardava na charneca das proximidades de Atalaia. Ali se travou o grande combate que decorreu na melhor ordem com os resultados que estavam previstos. Findo este exercício, as tropas recolheram aos seus quartéis de origem em comboios especiais organizados na estação de caminho de ferro de Belver. As tropas de Abrantes, de que eu fazia parte, acamparam nas proximidades de Gavião ( eu, nas trazeiras da Fonte da Levada ), marchando na madrugada seguinte a pé para o seu quartel R.I. 22. Porém quando tudo estava em ordem para dar início ao envio das tropas para França, surgiu um desentendimento político entre os partidos, que deu origem em 13 de Dezembro de 1916 a uma revolta de tropas em Tomar. Estas tropas revoltadas, comandadas por Machado dos Santos, marcharam para Abrantes, onde contavam com a adesão de alguns elementos do 2º Batalhão do Regimento Infª de Abrantes , assim como de Artilharia nº8. Afinal tudo ruiu, porque à ultima hora, os elementos da conjura faltaram ao compromisso tomado, por terem sido enganados pelos revoltosos.

De Lisboa chegavam notícias de que tudo estava em sossego: Abrantes foi sobrevoado por aviões que lançavam nuvens de panfletos com propaganda e comunicações do que se estava passando em Lisboa. Também lançaram dois rolos com exemplares do "Diário do Governo" falsificado, que à saída dos aviões dava a ideia de bombas, pelo que a população procurava abrigos e se recolhia cheia de medo. Entretanto, Abrantes tambem começava a ser cercada por tropas de cavalaria, artilharia e por tropas de Infantaria 15, que temporariamente ocupou o quartel de Infª 22.

Com a formação do Governo da União Sagrada, composto pelos políticos Dr. Afonso Costa, do Partido Democrático, e Dr. António José d'Almeida, do partido evolucionista, tudo se compôs.

Em virtude do governo espanhol ter decretado a neutralidade, as tropas portuguesas e respectivo material de guerra, não podiam atravessar o seu território com destino a França. Foi portanto necessário fazer esses transportes pelo mar, em navios. O embarque era feito na estação marítima de Alcântara-Mar, em Lisboa e o desembarque feito no porto de Breste, em França. Em Breste eram formados comboios ferroviários especiais que conduziam daquela estação para a estação da cidade Aire-sur-La-Lys, por se encontrar



ali instalado o Quartel General do Corpo Expedicionário Português.

Após a nossa chegada a Aire, eram as tropas imediatamente distribuídas pelas aldeias mais próximas do Quartel General e aboletados em barracões sem qualquer comodidade e infestados de parasitas ali deixados pelas tropas inglesas, que os deixaram de ocupar para dar lugar às nossas tropas. Os barcos que nos conduziram para França eram barcos de carga transformados em transporte de tropas, em cujos porões viajavamos e dormíamos em cima de enxergas sebatas também infestadas de parasitas ali deixados pelos ingleses que antes de nós já os tinham utilizado. Os primeiros contingentes de tropas portuguesas, nas quais eu vim incorporado, chegaram a França no principio do mês de Janeiro de 1917. Os ingleses estavam encarregados de tudo nos fornecer, incluindo a alimentação, até que os nossos serviços de abastecimento fossem organizados. O pão era o padrão-base para a distribuição de géneros por grupos. Por exemplo: se um pão era para dez homens, esse grupo de dez recebia, além do pão, uma barra de margarina, duas latas de doce de laranja, um pedaço de carne de cavalo crua, dez batatas, dez pastilhas de açúcar e de café, três de sal, etc. Como não nos era distribuído carvão, ou lenha para cozinhar esses alimentos, tínhamos de ir buscar às propriedades dos franceses, o que motivou várias reclamações junto dos comandos; o que fez mudarmos constantemente de aldeia. A primeira para onde foi parte do 22, foi Witternesse (?), depois Coyécques, em seguida Enquim-les-Mines e assim sucessivamente.

Noutras aldeias estavam instaladas escolas de instrução, onde durante três meses que demorou a nossa ida para as trincheiras, íamos receber lições da nova tática de guerra. Por exemplo: na aldeia de Hametz íamos receber instrução da utilização das máscaras na defesa contra os ataques dos gazes mortíferos, lançamento de granadas de mão, ataque à baionete e sua defesa, etc.. Eu fui escolhido para frequentar um curso sobre observação - topografia das trincheiras, etc., numa escola inglesa situada num lugar denominado S. Joseph, nas proximidades da cidade de Hazebronck. Lá colhi grandes ensinamentos para depois ser, como fui, nomeado para instrutor do 22 desta especialidade indispensável à condução da guerra. Os professores eram oficiais ingleses, havendo um professor que falava um péssimo português; como a escola era frequentada por ingleses e portugueses, ele traduzia para português a lição dada. Depois da lição teórica íamos aos campos de prisioneiros e à linha das trincheiras ocupadas ainda pelos ingleses, prestar provas sobre o nosso aproveitamento da lição dada. Tínhamos de saber bastante topografia para fazermos nos postos de observação uma observação precisa sem erros.



No posto tínhamos um óculo de grande alcance que funcionava em cima de um ângulo da carta da trincheira ocupada pelo inimigo, que estava colada numa espécie de prancheta. Era obrigação do encarregado de posto fazer um relatório sobre as observações feitas; quais as tropas inimigas que ocupavam as trincheiras e onde pertenciam, se ao estado de Wutemberg, se a Saxónia, ou a outro, etc. Conheciam-se pela roseta colada no boné que em cima tinha as cores da bandeira imperial, preto, vermelho e branco, e por baixo a roseta com as cores dos estados de Wutemberg, Saxónia, etc.. Saber se estavam bem guarnecidas e as mudanças operadas di'riamente. Conseguir descobrir posições de artilharia, postos de observação e marcar as respectivas coordenadas na carta. Ter sempre presente a posição das nossas tropas e marcar na carta, para em caso de necessidade elas pedirem o auxílio da nossa artilharia para fazer fogo de barragem para travar qualquer surto do inimigo.

Os postos de seteiras colocados na primeira linha, ou em local onde se pudesse observar nas linhas inimigas qualquer passagem utilizada pelas tropas, tem uma alta importância pelo seu poder mortífero. Para esses postos são escolhidos os melhores atiradores e equipados com espingardas especiais com uma alça telescópica de grande precisão. Todo o militar que fosse visto por esses atiradores, era imediatamente morto. Era perigoso para os que se debruçassem nas trincheiras, pois a morte era certa. Qual a maneira prática que se podia utilizar para descobrir a posição destes terríveis atiradores? Muito facilmente: equipávamos o busto de um manequim usado nas montras dos bons comércios, com um dolmen e um capacete usado pelas nossas tropas e colocávamo-lo por intermédio de um sistema especial de ripas que fazia subir e descer o manequim, fingindo estar espreitando o campo de ninguém, no parapeito. Pretendia-se que o tal atirador especial atingisse o manequim com um tiro, julgando ser um militar verdadeiro. Se isso sucedia o manequim baixava para dentro da trincheira, depois de verificar o número na ripa quando ele foi atingido. Colocava-se um ferrinho especial no orifício feito pela bala e punha-se junto do espelho inferior dum periscópio colocado previamente no local onde fora atingido o manequim pela bala. Imediatamente podíamos ver pelo espelho do periscópio o local exacto de onde partira o tiro. Depois era só chamar parte da guarnição de um morteiro de trincheira, que observando o local camuflado onde se encontrava o posto do atirador, regulava o tiro do morteiro e disparava, e lá ia pelos ares o posto e o atirador!!!



Conseguimos arranjar um posto de observação mesmo junto à trincheira dos alemães, que para nós era de alta importância. Porém, era perigoso para a guarnição que a ocupava. Escolhi para chefe dessa guarnição o 1º cabo Ferreira, tio do funcionário das finanças de Gavião Fernando Ferreira. O posto constava de uma caldeira que se conservava ainda nas ruínas do edifício de uma fábrica de cerveja. A caldeira era grande e dentro dela cabiam, pelo menos, 4 pessoas. Tinha o fundo arrombado e era por esse rombo que nós entrávamos, e pelos orifícios feitos na caldeira pelos estilhaços das granadas, podíamos ver facilmente os soldados alemães e o que eles faziam, pois estavam a poucos metros de distância de nós. Recomendei ao cabo Ferreira a maior prudência e o maior silêncio, visto que o menor ruído podia ser fatal para a guarnição.

Passados dois dias, aparece desvairado o cabo Ferreira, que exclamou:

— Meu sargento, o posto foi descoberto e bombardeado pelos alemães! Foi milagre não termos morrido todos!!!

Abandonámos o posto; respondi que foi falta de cuidado de alguns deles que fizeram barulho e assim fizeram bem em abandonar o posto. Em seguida coloquei o cabo Ferreira com os seus companheiros num posto mais distante, mas também em local perigoso.

Passados que foram os três meses da nossa chegada a França, e ter sofrido as agruras de um inverno terrivelmente gelado, ouvido o troar permanente dos canhões que operavam na longa frente de batalha, desde Ostende, na Bélgica, até ao Mar Mediterrânico, ouvido nas aldeias semi-destruídas o queixume dos habitantes que restavam, ter aprendido nos centros de instrução a nova tática de guerra de trincheiras, fomos ocupar para a sua defesa o sector de Ferme du Boa (?), que até ali estava sendo defendido pelas tropas inglesas. Foi o baptismo de fogo dos soldados portugueses, que heroicamente se souberam desempenhar da missão ordenada pelos altos comandos. O regulamento era a permanência de uma semana, dia e noite, na primeira linha, sempre alerta para a defender do inimigo. Organizaram-se patrulhas que na escuridão da noite, atravessavam o campo de ninguém até junto das fronteiras alemãs cumprir missões para que foram nomeados. Era uma missão altamente perigosa, pois o campo estava a ser constantemente iluminado por "very light", uma espécie de foguetes luminosos que se usa nas festas das aldeias e das aldeias e cidades. Eu fiz parte de uma patrulha destas. Passados os sete dias da semana éramos substituídos pelas tropas que descansavam na rearguarda da terceira linha, e assim sucessivamente.



Na primeira linha a alimentação era constituída por latas de conserva, bolachas e doce e às 17 horas, era feita uma distribuição de chá quente com leite. Para evitar epidemias havia junto dos postos de abrigo, sacos de linhagem para depositar as latas vazias e outras embalagens que eram diáriamente recolhidas e queimadas na rectaguarda, em fornos creatórios, juntamente com as fezes misturadas com serradura.

Na noite de Santo António, 12 de Junho de 1917, foram as tropas do 22 duramente atacadas pelas tropas alemãs, que penetraram nas nossas trinchenras depois de um forte bombardeamento de artilharia e lançamento de granadas de gases tóxicos, durante horas. Eu sofri esse ataque no posto principal de observação, situado na segunda linha. Pelos preparativos feitos nas trincheiras, e por informações recolhidas, sabíamos que os alemães nos iam atacar nessa noite. Tirei na carta as coordenadas da posição das nossas tropas e estive muito atento ao desenrolar do combate, à espera de qualquer sinal, préviamente convençãoado, do local exacto onde as nossas tropas estavam sendo duramente atacadas. Finalmente foi lançado, pela 1ª Companhia do 22 (Portalegre), um foguetão. Imediatamente pelo telefone directamente ligado às baterias da nossa artilharia, transmiti as coordenadas precisas para que fosse feito fogo de barragem contra as posições alemãs. Por ter necessidade de transmitir estas coordenadas pelo telefone, tive de tirar a máscara de protecção contra gases asfixiantes e por eles fui atacado, tendo de recorrer aos postos de socorros médicos onde me trataram e me enviaram depois para Merville e de ali para o centro hospitalar em "Etaples" onde existiam muitos hospitais.

Eu fui baixar a uma enfermaria do Hospital nº 51, pertencente às forças inglesas. Este centro estava bem situado, perto de Paris-Plage, e bastante longe dos locais de combate.

Portugal fez um esforço gigantesco com a sua cooperação nesta guerra. Para uma população naquela data, de pouco mais de cinco milhões e meio de almas, mobilizou 1000 mil homens!!! Primeiro foi um Corpo Expedicionário de 40.000 homens enviados à França. Afim de manter este corpo em estado de actividade e em todo o seu activo foi mobilizada outra divisão em Portugal para servir de centro de instrução aos recrutas dos depósitos militares. Com esta divisão, o total das forças constantemente em armas eleva-se a 55.000 homens. Cada mês partia para França um contingente de 4.000 homens de todas as armas para manutenção do efectivo do corpo. O segundo é representado por um Corpo de Artilharia Pesada. Uma convenção militar entre os governos das duas repúblicas, fixou o efectivo mínimo de 15 baterias e o máxima em 30. O material e armamento para este corpo são fornecidos pelo governo francês.

Quanto às lutas coloniais em África, absorveram desde o começo da guerra, de 30 a 35 mil homens de tropas metropolitanas, das quais juntas com as tropas indígenas e colonais,



eleveram o exército de operação portuguesa a 40.000 homens.

Terminada a guerra, foram as tropas transferidas para Cherbourg e Tournaville; todos os serviços do C.E.P., e ali organizados os comboios marítimos de repatriação das tropas.

Do muito que se poderia fazer pelos vivos, era justo que consignássemos também aos mortos uma parcela do nosso tributo de gratidão. Assim foi criada e estabelecida em Lagorg, a Comissão Portuguesa de Sepulturas de Guerra, para que percorresse em todas as direcções toda a zona onde havia permanecido o C.E.P., antes da batalha de La Lys. Foi enorme a quantidade de sepulturas encontradas em 19 cemitérios provisórios desde Merville a Tournai, com o total de 1704 cadáveres que ficaram no local onde foram encontrados para depois serem transferidos para o cemitério português que estava em construção na comuna de Richebourg - Lavoné, junto da berma da estrada de La-Barsé, onde actualmente repousam com a paz e o silêncio a que têm jus. Nessa altura já havia mutilados e inválidos de guerra; 282 oficiais, 587 sargentos, 141 cabos e 525 soldados. Total - 1535.

E assim mais uma vez se confirma o que nos dizia o Padre António Vieira:

"A guerra é um monstro que tudo devora!"

E se nós reflectirmos, ela é sempre a rotura violenta de um equilíbrio e de uma ordem estabelecida. Quando um país sai de uma guerra, seja qual fôr a sua duração, seja qual fôr a sorte das armas, há sempre perturbações, um certo número de relações políticas-económicas-jurídicas que não conseguem regressar ao estado anterior! Mas deixemos estas considerações e vamos terminar com a referência aquela massa cinzenta (soldados) que tão galhardamente, nas fronteiras da Flandres e nas planícies inóspitas de África, honrou o nome de Portugal!

Através dos tempos, os nossos soldados persistentemente dominados por um alto ideal de crença e de fé, souberam com nobilíssima grandeza de alma caldeada ao fogo do mais acendrado patriotismo, honrar e dignificar o bom nome de Portugal. Desde a luta contra o árabe e o castelhano, nos primórdios da nacionalidade e nas múltiplas e ingentes campanhas em que foi posto à prova o seu valoroso e indefeso ânimo, conseguiram eles sempre, pelo denodado esforço do seu braço, pela sua inquebrantável impassibilidade ante o perigo, pela sua estoica e rígida dedicação, pelo seu acrisolado espírito de resignação no sofrimento, inscrever em diamantismo e indeléveis caracteres nas páginas da história militar mundial, feitos e acções duma magnitude épica. A Grande Guerra veio demonstrar de modo irrafragável, que tão heroicas qualidades, que tão admiráveis predicados (...) se mantêm integras hoje em dia.

(...)

FEITO PELO ALFERES REFORMADO ANTÓNIO DA CUNHA SACO, NA ESCOLA

PREPARATÓRIA DE GAVIÃO, NO DIA 20 DE JANEIRO DE 1984.